ISSN 2357-9854 | e-ISSN 2596-3198 (online)

Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil

Ana Mae Barbosa
(Universidade de São Paulo — USP /
Universidade Anhembi Morumbi — UAM, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO — Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil — Este artigo é uma espécie de reação aos resultados da pesquisa realizada por Glacy Antunes de Oliveira, Annelise Nani da Fonseca, Ana Flávia Tavares de Melo, Fábio de Castilhos e Fernanda Pereira da Cunha, respondida por 1009 participantes do II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação: Reconexões da Abordagem Triangular no Ensino das Artes (UFG, 2021). Volto a fazer afirmativas que respondem a algumas das interpretações errôneas e/ou intencionalmente destruidoras da Abordagem Triangular que continuam a circular mesmo depois de trinta anos de pesquisas e transformações positivas pelos arte/educadores que a tem experimentado incansavelmente em suas práticas, dissertações, teses e artigos, aos quais agradeço muito. Faço outras afirmações voltadas para as minhas preocupações atuais como o decolonialismo. Uma destas afirmações que pensava ter deixado muito clara em meus livros anteriores é a influência das ideias de Paulo Freire. Nesse texto faço questão de demonstrá-la didaticamente. Formalmente não escrevi um resumo, mas uma contextualização do artigo tal a importância que venho dando ao contexto em todas as atividades intelectuais. O contexto é decolonizador.

PALAVRAS-CHAVE
Ensino da Arte. Abordagem Triangular. Contextualização. Leitura de imagem.

ABSTRACT — Image reading and contextualization in Art/Education in Brazil — This article is a kind of reaction to the results of research carried out by Glacy Antunes de Oliveira, Annelise Nani da Fonseca, Ana Flávia Tavares de Melo, Fábio de Castilhos and Fernanda Pereira da Cunha, answered by 1009 participants of the II International Online Congress between Art, Culture and Education: Reconnections of the Triangular Approach in the Art Education (UFG, 2021). I again make statements that respond to some of the erroneous and/or intentionally destructive interpretations of the Triangular Approach that continue to circulate even after thirty years of research and positive transformations by art/educators who have tirelessly experimented with it in their practices, dissertations, theses and articles, to which I am very grateful. I make other statements aimed at my current concerns such as decolonialism. One of these statements that I thought I had made very clear in my previous books is the influence of Paulo Freire's ideas. In this text I make a point of demonstrating it didactically. I have not formally written an abstract, but a contextualization of the article, such the importance I have been giving to the context in all intellectual activities. The context is decolonizing.

KEYWORDS
Art Education. Triangular Approach. Contextualization. Image reading.

RESUMEN — Lectura de imágenes y contextualización en arte/educación en Brasil — Este artículo es una especie de reacción a los resultados de la investigación realizada por Glacy Antunes de Oliveira, Annelise Nani da Fonseca, Ana Flávia Tavares de Melo, Fábio de Castilhos y Fernanda Pereira da Cunha, respondida por 1009 participantes del II Congreso Internacional en Línea entre Arte, Cultura y Educación: Reconexiones del Abordaje Triangular en la Educación Artística (UFG, 2021). Vuelvo a hacer afirmaciones que responden a algunas de las erróneas y/o intencionalmente destructivas interpretaciones del Abordaje Triangular que continúan circulando aún después de treinta años de investigación y transformaciones positivas por parte de arte/educadores que lo han experimentado incansablemente en sus prácticas, disertaciones, tesis y artículos, a los cuales estoy muy agradecido. Hago otras declaraciones dirigidas a mis preocupaciones actuales como el decolonialismo. Una de esas afirmaciones que pensé haber dejado muy clara en mis libros anteriores es la influencia de las ideas de Paulo Freire. En este texto me propongo demostrarlo didácticamente. No escribí formalmente un resumen, sino una contextualización del artículo, tal es la importancia que le he venido dando al contexto en todas las actividades intelectuales. El contexto es descolonizador.

PALABRAS-CLAVE
Educación Artística. Abordaje Triangular. Contextualización. Lectura de imágenes.

No Brasil a Abordagem Triangular (AT)[1] no ensino da arte iniciou a prática da leitura de imagem, da obra ou do campo de sentido da Arte, na educação escolar, da Educação Infantil à formação de professores de arte na universidade. A Abordagem Triangular propõe a articulação dos processos perceptivos, cognitivos, analíticos e criadores em torno das ações de:

1. Fazer Arte;

2. Ver e ler a imagem, a obra ou o campo de sentido da Arte[2];

3. Contextualizar - o que é expresso e as imagens e os objetos que são lidos em termos históricos, sociais, vivenciais, subjetivos etc.

O objetivo é desenvolver a percepção e a imaginação para capturar a realidade circundante (pela imaginação descobrimos o que não existe na realidade). Desenvolver a capacidade crítica para analisar, imagens, objetos e a realidade percebida. Estimular a capacidade criadora não só para materializar o imaginado, mas também para responder adequadamente à realidade percebida e analisada modificando-a ou transformando-a.

A vantagem desta Abordagem é que não é composta por disciplinas, mas por processos mentais como tradução de imagem mental em imagem materializada, processos de descrição, análise e interpretação e processos de identificação e comparação cultural entre tempos, espaços e modos de vida diferentes.

A leitura tem sido enfatizada na educação contemporânea por todas as correntes pedagógicas e muito especialmente pela Pedagogia Crítica e pela Pedagogia Cultural. Falamos da leitura de palavras, textos, livros e, também, da leitura de gestos, ações, necessidades, desejos, expectativas, imagens e objetos.

A leitura como identificação cultural, como necessidade de reconhecimento de si próprio e de construção da realidade na qual estamos inseridos é o centro da educação que se pretende desenvolver não só através das palavras, mas também através da imagem.

Se pretendemos educar para uma leitura do mundo, como dizia Paulo Freire, será preciso considerar de igual importância a leitura verbal e a leitura de imagens, prática que desenvolveu para seu Sistema de Educação de Adultos. Desde sua primeira experiência exitosa ao alfabetizar 300 trabalhadores rurais de Angicos, uma pequena cidade do Estado do Ceará, em 40 horas ele usava pinturas de Francisco Brennand (Figuras 1 e 2) para através da leitura da imagem deflagrar o diálogo com seus alunos sobre a própria cultura deles.

Figuras 1 e 2 — Guaches do artista de Pernambuco Francisco Brennand, que servia de base para a discussão do conceito de cultura nos Círculos Culturais



Guache do artista plástico pernambucano Francisco Brennand, ilustrando a discussão do conceito de cultura nos Círculos de Cultura.



As pedagogias de Paulo Freire remetem à libertação como forma de enfrentamento de múltiplas realidades opressoras.

Fonte: Acervo de Ana Mae Barbosa.

Falo de uma leitura que não é apenas formal em termos de linha, cor, espaço etc., mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora do ponto de vista social. A Abordagem Triangular não prescreve nenhuma teoria para a empreendermos a leitura de imagem. Pessoalmente uso a Estética Empírica, a Estética Relacional, já muito conhecidas, e a Estética da Atmosfera[3] que começa a se desenvolver. Mas, a escolha do processo de análise é do professor quase sempre em conformidade com seus alunos no caso das universidades.

Grupos de estudos em diferentes universidades escolhem diferentes metodologias de leitura de imagem. Por exemplo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE) liderado por Analice Dutra Pillar trabalha com a Semiótica Discursiva[4], a Pontifica Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a Semiótica Sincrética[5], Luciana Fisher (Mato Grosso do Sul) com a Semiótica de Pierce[6]. Temos ainda grande influência de Didi- Huberman no grupo de Rita Bredariolli (2013) Universidade Estadual Paulista (UNESP). Já o grupo de Jociele Lampert está se especializando na Fenomenologia de John Dewey que destaca a leitura da experiência na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)[7]. No Pará se destaca a leitura histórica no contexto da contemporaneidade[8] amazônica. Em Juiz de Fora as metodologias feministas e a leitura culturalista de Paulo Freire se destacam nas pesquisas de vários grupos[9], assim como no Nordeste (Pernambuco, Paraíba).

A teoria do discurso tem contribuído também para os processos de análise de imagem e obra de Arte[10] como nos textos de Fernando de Azevedo (2014), mas as teorias da comunicação estão interferindo positivamente na ampliação do escopo das leituras associadas a contextualização[11]. As leituras baseadas nas teorias cognitivistas de Piaget, de Arthur Efland também encontram eco no Brasil.

Leitura de livros e de imagens é decodificação e atribuição de significado para cuja construção participam interligadamente objeto e leitor numa ação designada por Derrida como “subjectil”, a qual transforma o leitor em um recriador do autor. Se a leitura de imagem é construção de conhecimento, seja qual for o instrumento de análise, a contextualização ilumina a leitura levando a arte a funcionar não apenas como deleite, mas principalmente como base para a crítica cultural e social. O contexto é a fibra ótica da leitura.

A contextualização como instrumento fenomenológico e epistemológico da Abordagem Triangular foi construída em relação direta com a ideia de “conscientização” de Paulo Freire. Só tornando-se conscientes da opressão os sujeitos podem se libertar da realidade opressiva, da injustiça e do colonialismo sistêmico.

Fui aluna de Paulo Freire desde 18 anos de idade e nossa relação não se esgarçou apesar da diáspora provocada pela Ditadura militar de 1964-1984. Ambos originários de Recife (Nordeste do Brasil), ele se exilou no Chile e posteriormente na Suíça e, minha família, em São Paulo. Visitei-o duas vezes na Suíça ficando hospedada com ele e sua mulher, que muito contribuiu para sua obra. A minha ligação com os Freire foi tão próxima que eu fui aluna de Paulo Freire, Madalena, sua filha, foi minha aluna, minha filha, Ana Amália, aluna de Madalena e Carolina, filha de Madalena, aluna de Ana Amália. Trata-se, portanto, de uma ligação educacional e intergeracional.

A pesquisa mais extensa e aprofundada que fizemos antes de adotar a Abordagem Triangular em nossa prática educacional foi na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo[12] quando Paulo Freire de volta do exilio tornou-se o diretor daquela instituição (1989 a 1991). A convite de Paulo Freire assumi a coordenação da reorganização curricular de Artes, iniciei a pesquisa e Maria Christina Rizzi, que era minha orientanda e mediadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo que eu dirigia (1986-1993), prosseguiu brilhantemente.

Na Escolinha de Arte de São Paulo[13] já vinha pesquisando a leitura de objetos levando os alunos a lojas de moda e de objetos de design para observarem e desenharam modificando a roupa ou o objeto para se adequarem aos seus corpos ou a seus ambientes quotidianos (Figura 3) sob a tutela de Paulo Freire, que nos enviava livros e discutia ideias comigo e sua filha Madalena, pois trabalhávamos juntas.

Figura 3 — Desenhos de observação do mesmo objeto por duas crianças de 9 e 10 anos em uma loja de objetos de design. Escolinha de Arte de São Paulo, 1970. A proposta era adaptar o objeto observado a um ambiente imaginado pela criança



Representação realística do abajur

Abajur adaptado ao quarto da aluna

Fonte: Acervo de Ana Mae Barbosa.

A contextualização é fundamentalmente decolonizadora pois trata de levar a ver além do objeto e da imagem suas conexões com a cultura na qual foi produzida pelo olhar de leitores diferentes, em diferentes tempos,

Paulo Freire apontou em seus livros o problema da colonização cultural introjetada inconscientemente pelo colonizado, o que Nora Merlin[14] vem chamando de “colonização inconsciente”, que vai além da colonização cognitiva e torna-se facilmente uma colonização emocional. As ideias decolonizadoras de Paulo Freire se originam no estudo das relações entre opressor e oprimido. A falta de consciência acerca da colonização cultural leva ao desejo do colonizado oprimido ser opressor e ele assume esse papel de multiplicador da opressão assim que pode. Da mesma maneira, intelectuais dos países colonizadores inconscientemente assimilam as estratégias colonizadoras ancestrais e perpetuam as atitudes colonizadoras embora racionalmente as critique.

É o exemplo do que fizeram com a Abordagem Triangular, na qual alguns europeus não conseguiram ver a influência de Paulo Freire e declararam ser cópia do *Discipline Basic Art Education* (DBAE) americano. Tornaram essa acusação verossímil pelo fato de eu ter estudado nos Estados Unidos[15], mas essa

interpretação não é verdadeira pois parte de uma análise parcial e não de análise abrangente e desinteressada. É obvio que somos produto de diferentes influências. As influências são escolhidas, depuradas, resultam em compostos híbridos; a dependência é sistêmica, manipulada e quase sempre têm força de lei, como a última reforma educacional do Brasil em 2016, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reduziu o ensino das artes ao fazer e a apreciação.

Depois de trinta anos de sucesso escolar com a Abordagem Triangular nunca oficializada pelos governos, mas largamente praticada em todo o país como foi comprovado no *II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação: Reconexões da Abordagem Triangular no Ensino das Artes* (UFG, 2021) as leis educacionais do Brasil voltam a falar de apreciação em lugar de leitura e excluem a contextualização no ensino das artes. Nesse Congresso do qual participaram mais de duas mil pessoas Ana Mae Barbosa, Glacy Antunes de Oliveira, Annelise Nani da Fonseca, Ana Flávia Tavares de Melo, Fábio de Castilhos e Fernanda Pereira da Cunha realizaram uma pesquisa respondida por 1009 participantes a qual demonstrou que:

1. 58% tinham graduação ou licenciatura em Artes;

2. 73,7% trabalhavam em ensino da arte. Portanto, 24,35% de professores de artes não têm formação em Artes. Quase um quarto dos professores de arte;

3. 54,9% já utilizavam a Abordagem Triangular;

4. Apenas 184 pessoas não conheciam até então a Abordagem Triangular, portanto 826 a conheciam.

Portanto, a Abordagem Triangular é de domínio de quase todos os professores de artes, que têm formação em Artes no Brasil, apesar da campanha para sua destruição por parte dos colonizadores e dos brasileiros que atuam em suas universidades como filiais empobrecidas de universidades estrangeiras.

Destruir a história do colonizado é o caminho mais fácil de dominação colonizadora. Desqualificar o colonizado e desacreditá-lo como criador de sua própria cultura é essencial para perpetuação da colonização. Mas a Abordagem Triangular tem origem direta com a pedagogia freireana, em contato com as diferentes soluções pós-modernas para o ensino da arte, inclusive até com algumas soluções modernistas, entretanto culturalistas[16], como as *Escuelas al Aire Libre* do México evitando repetir erros que eu mesma crítico em meus livros no DBAE americano.

É na contextualização que rompemos as limitações individuais e refletimos acerca do mundo que nos cerca, do mundo que nos querem impor, do mundo imaginário e do mundo que queremos construir.

A contextualização é talvez o mais pervasivo processo deflagrado pela Abordagem Triangular. Está referenciado a leitura da imagem, da obra ou do campo de sentido da Arte e, também, ao fazer. Que relação meu fazer tem com outros fazeres de outra natureza? Que relação meu fazer tem com o de outros artistas?

A contextualização corresponde à conscientização de que falava Freire. Contextualização é muito importante para a conscientização social e uma visão crítica da sociedade.

A contextualização faz a diferença e abre a mente para questões sociais, históricas, antropológicas, realidades e ambientes, preconceitos naturalizados, desigualdades e necessidades de melhor qualidade de vida, bem como diferentes formas de interdisciplinaridade.

O aprender fazendo, o aprender destrinchando o já feito e o aprender ao ver fazer são engrenagens cognitivas conaturais aos seres humanos, que nascem predispostos ou aparelhados a gradativamente saber sobreviver em seu meio ambiente. O contexto é tremendamente variável, de acordo com o que se quer fazer e o como que se quer ver fazendo ou se quer ver feito. A contextualização é responsabilidade e decisão pedagógica de cada professor, pois é no processo de

contextualizar que ele amplia suas decisões teóricas ou meramente temáticas. É na contextualização que rompemos as limitações individuais e refletimos acerca do mundo que nos cerca, do mundo que nos querem impor, do mundo imaginário e do mundo que queremos construir.

A contextualização é mediação entre as diferenças culturais. A educação intercultural confia na contextualização para que o ser humano possa se ver, ser visto e ver os que estão ao seu redor. Portanto a cognição holística só pode acontecer a partir da contextualização que cada indivíduo ou cada comunidade constrói. O coletivo e o individual criam narrativas complementares.

Resulta sempre em fracasso a importação dos modelos ditos civilizados europeus. Só a interculturalidade pode nos salvar do lugar de subalternidade ao qual fomos condenados na África e na América Latina. Minha tese de doutorado escrita em 1977 (BARBOSA, 1977) era pesadamente baseada em Paulo Freire e na Teoria da Dependência. Em 1992 o *Bureau International d'Éducation* em Genéve, através de Elliot Eisner me encomendou um texto sobre Arte Educação no Brasil. Meu texto foi escrito do ponto de vista decolonial e nem meu texto, nem os textos dos escritores escolhidos por Elliot Eisner foram jamais publicados pelo BIE. Desistiram do livro. Publicamos os textos em outros veículos, mas a resposta que me deram em carta datada de 21 de abril de 1992 foi "you suggest replacing the domination of European and North American codes by that of local codes. Slight modification of this paragraph will avoid such interpretation"[17]. Mas era o que eu queria dizer mesmo. Acho que Walter Mignolo tem toda razão ao dizer que para nós a cultura europeia deve ser um estudo de caso e não um modelo.

Não à exclusão do contexto

Podemos dizer que aquilo que distingue a arte/educação modernista da arte/educação[18] pós-moderna é o lugar dado à leitura da imagem ou da produção artística visual dos outros, quer estes outros sejam artistas, designers, artesãos, publicitários, videastas, produtores de *lives*, blogueiros, interneteiros etc.

A contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade e para a leitura do social, para o combate à colonização cultural sistêmica.

Todas as disciplinas, todo o conhecimento humano categorizado pode ser movimentado no processo de contextualização desde a Matemática, Ciências, Antropologia, História, Sociologia etc. Enfim, a obra convida o espaço ao redor as circunstâncias de várias naturezas e a curiosidade do sujeito para colaborar no entendimento da imagem que analisa e na imagem que produz.

Contextualização não é mera apreciação.

Por que não é apreciação? Por que a “apreciação” é palatável para o currículo que as classes dominantes desenharam para o Brasil? Elas aprenderam com as manobras do século XIX em relação aos processos de industrialização e consumo. Era preciso ampliar o consumo para todas as classes sociais, era importante fazer o povo, os operários comprarem os produtos por eles próprios produzidos, era importante moldar o gosto e o desejo do povo operário. Criaram na Inglaterra cursos de apreciação artística. A palavra apreciação no Brasil significa também admiração. Se eu digo: “eu aprecio você”, estou significando que lhe admiro, que gosto de você.

A classe dominante se associa no Brasil aos museus para produzir um discurso de convencimento dirigido às classes subalternas, tentando convencê-las de que aquilo de que a burguesia gosta é o único padrão de valores válido. É assim que é mantida a colonização europeia e norte-americana branca. Os museus querem que todos pensem que tudo que eles guardam é valioso esteticamente. Em um país como o Brasil, que sofreu duas ditaduras implacáveis: O Estado Novo (1937-1945) e a ditadura Civil /Militar (1964-1984), existe no acervo dos museus muita obra ruim ou irrelevante, que entrou por ter sido produzida pela irmã do general ou pela filha do deputado. Apreciação é igual a “Deleite-se, mas não pense”.

Ao contrário, a leitura crítica e contextualizada da imagem é aprendizagem da linguagem presentacional, raciocínio através do pensamento visual, ação analítica e judicativa sem menosprezar os processos empáticos.

Na Abordagem Triangular, é possível operar leitura e contextualização ao mesmo tempo, como processos interligados, como podemos ver no exemplo de trabalho que relataremos a seguir:

Quando fui professora da *The Ohio State University* trabalhei com Michael Parsons, o primeiro pesquisador a analisar o desenvolvimento da capacidade de leitura de imagens de crianças e adultos. Ele chegou à conclusão de que uma criança até seis anos mais ou menos e um adulto, embora com curso universitário, mas sem nenhuma experiência em ler imagens estarão provavelmente na mesma fase de interpretação de imagens. Pude comprovar isto numa pesquisa que fiz em 2001 com a coordenação do Dr. José Minerini Neto e as alunas, na época, Raquel Palaia e Tatiana Prado. A pesquisa foi com os passantes na Estação Sumaré do Metrô de São Paulo sobre a recepção da obra pública de Alex Flemming lá instalada. A partir das etapas do desenvolvimento para a leitura da obra de Arte detectadas por Parsons (1992) associada à de Abigail Housen (1983) e aos estudos sobre cognição de Piaget, pudemos sistematizar a escalada das interpretações do público[19].

Figura 4 — Estação Sumaré de Metrô, São Paulo (1998)



Fonte: Acervo do artista Alex Flemming.

A pergunta deflagradora era a mais genérica possível: o que você está vendo aí?

Uma geógrafa com curso superior disse: “Pessoas né, me parece que foram funcionários da época da obra do metrô, pessoas que construíram o metrô ou estavam de alguma forma vinculadas, foi o que me disseram. Fiquei curiosa de ver, achei muito legal. Ficou legal, uma coisa até um pouco jornalística, bem legal, acho que a arte não tem muita fronteira né, acho que se emplacar alguma coisa é bom... Uma vez eu fiquei num hotel em Salvador que tinha um painel mostrando quem tinha trabalhado na obra com todas as fotos durante a obra, muito legal, então acho que de repente é uma coisa legal” (38 anos).

Ela não leu a imagem, narrou uma história tirada de sua experiência, ela teve que introjetar a imagem e submetê-la ao seu imaginário. Está na fase inicial, a fase narrativa, intra-objetal da mesma maneira que uma mulher empregada doméstica, sem curso superior que disse: “Vi os rostos, mas não identifiquei ninguém. Tem um rosto que eu imagino que é do meu patrão, porque eu acho a fisionomia parecida. Eu gostei, não sou assim... culta né, não tenho cultura nenhuma, mas eu gostei..... mesmo se eu não identificasse ninguém eu ia ficar olhando, tem uma ali que parece o Marcelinho [*Carioca, jogador de futebol*], tem uma... vejo e fico imaginando as pessoas. Todos os dias eu olho” (45 anos).

Sua colega quase da mesma idade, empregada doméstica também na fase narrativa, intra-objetal na qual a percepção da imagem é álibi para imaginação ou base para a tentativa de associação com a representação realística de figuras e objetos, respondeu: “Legal, é diferente, de todas as estações é o mais diferente. Não sei... só sei que no dia da inauguração algumas pessoas que passaram eles pegaram para tirar foto. Eu fiquei sabendo isso. Para quem está aqui esperando o metrô, pensando nos problemas... distrai. Você analisa, quer entender, ler o que está escrito ali... sei lá. Tem uma que parece comigo, aquela uma moreninha bem escurinha, ali no canto” (42 anos).

Um designer social de 19 anos foi classificável na primeira fase não por ser contra narrativo, mas porque não leu a imagem e inventou uma outra narrativa por

acaso alheia à conscientização social que deveria ser um foco de sua profissão: “Achei legal, uma coisa diferente que os caras fizeram, colocar imagem de pessoas, mas acho que os caras deveriam assim... sei lá colocar assim tipo por exemplo uma imagem de Gandhi ali tá ligado, de Bob Marley, umas pessoas assim que signifiquem alguma coisa pra gente assim que eles colocaram pessoas que a gente não conhece que não têm espaço assim na mídia de alguma forma não significam nada” (19 anos, designer social).

Já um jovem ajudante de cozinha deu uma resposta que pode corresponder a segunda etapa da apreensão da imagem, na qual há a percepção de estrutura, embora desconhecida e atribuição de significação inter-objetal, interesse na formatação do objeto, inter-relação, enfim o objeto é visto fora da experiência do sujeito, mas ainda persiste a subordinação a ela.

Eis a resposta do jovem de 27 anos: “Uma pá de pessoas. Pessoas comuns do dia a dia, uma pessoa de terno, uma pessoa com roupa comum, uma pessoa indo pro serviço, indo pra escola... Não tenho nenhuma opinião feita sobre isso aí não, acho diferente, pelo menos não é que nem os outros lugares que fica tudo parado, pelo menos é uma forma diferente de mostrar nós que comandamos este país, né. Sem contar que o artista ele mostra a cara do país; se alguém for conhecer nosso país fora do Brasil não vai um de nós lá mostrar, quem vai é um artista, e pra ele mostrar a cara do país ele tem que mostrar o povo do país”.

Um vendedor de feira livre de frutas e verduras respondeu: “Vi a miscigenação de pessoas, uns brancos, japonês, negros... uma miscigenação de pessoas, é isso que eu vi**.** Acho uma técnica, não conheço, uma técnica bonita não tinha visto ainda uma técnica assim, mas... de representativo seria o povo brasileiro... Miscigenação. Muito importante, é a sensibilidade do artista com o seu povo” (47 anos).

Esta última resposta também é classificável na segunda etapa, a intra-objetal que inclui respostas sobre estrutura e expressão, pois considera embora não conheça o problema da técnica.

Quando as pessoas se interessavam, a conversa com os pesquisadores se alongava e estas pessoas em geral já estavam na etapa trans-objetal que é a analítica ou judicativa. A relação sujeito-objeto é ultrapassada, vai além da experiência passada e da mera aparência do objeto

Enquanto em quarentena e escrevendo este texto, vi na internet a intervenção bem-humorada e didática que Flemming fez na instalação da estação de metrô Sumaré, a qual ganhou máscaras de proteção contra o Corona Vírus. O contexto é outro e o contexto interfere no processo de significação, da mesma maneira que uma intervenção, por menor que seja, pode mudar a interpretação da obra e até torná-la outra obra.

Figura 5 — Intervenção feita pelo artista Alex Flemming na sua instalação da Estação Sumaré de Metrô durante a epidemia do Coronavírus (2020). A primeira figura é a foto do próprio



Fonte: Foto de Henrique Luz. Disponível em https://www.ovale.com.br/_conteudo/viver/coluna_social/2020/05/103460-arte-e-pandemia.html.

Notas

1 Pesquisa iniciada em 1980 - Semana de Arte e Ensino USP First Publication, 1991.

2 Também é referenciada como Fazer, Ver, Contextualizar em: BARBOSA, Ana Mae A imagem no Ensino da Arte. SP: Editora Perspectiva, 2019, 9ª edição. Primeira edição 1991.

3 A Estética da Atmosfera vem sendo definida como intercultural. Nesse sentido, o conceito Estética da Atmosfera contribui para a renovação dos princípios e metodologias da estética codificados. Ela tem como foco a inter-relação do objeto estético, do comportamento estético e da percepção estética, revela as semelhanças e dessemelhanças de experiências estéticas de diferentes tradições (compatibilidade, incompatibilidade, transição, entrelaçamento), e atribui

importância de igual valor a essas experiências sem hierarquização. Na verdade, a estética contemporânea é em grande parte intercultural.

[4] Em especial com os trabalhos de LANDOWSKI (2017), OLIVEIRA (2004), OLIVEIRA e TEIXEIRA (2009), RAMALHO E OLIVEIRA (2005).

[5] OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.*). Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004. OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Org.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética.* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

[6] OLIVEIRA, Luciana Davi (Luciana Fisher). *Abordagem triangular e metáforas:* epistemologia e cognição. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Tese de Doutorado. CAP – USP, São Paulo, 2020.

[7] LAMPERT, Jociele e WOSNIAK, Fabio. Revista Apotheke, número especial Dewey: Educação, Artes Visuais e Experiência, v. 7, n. 2, 2021.

[8] MEDEIROS, Afonso. Ana, Paulo e John: apontamentos para uma filosofia multiplanar da arte através da educação. In: PETERSON. Sidiney; MIDORI, Amanda. (Org.) *O ensino artístico que temos e o que queremos:* posturas, histórias e experiências no Brasil e em Portugal. Porto: i2ADS, 2021. E RIZZI, Maria Christina; SILVA, Mauricio Virgulina. *Um manifesto sobre a Arte/Educação que queremos considerando a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e das Culturas Visuais e a Educomunicação como proposta decolonial*. In: PETERSON, Sidiney; MIDORI, Amanda. *O ensino artístico que temos e o que queremos***.** Porto: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2021.

[9] FONSECA, Annelise Nani. *Abordagem Triangular e Processo criador*, aceito para publicação na Revista GEARTE 2022; URBANO, Clarissa Souza Palomequé. *Ecologia:* Arte e Design. Morumbi: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Design, Arte e Tecnologia - Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

[10] CAMPOS, MCR. Uma Leitura sobre a Política de Avaliação e a Abordagem da Obra de Arte como Entrelugar Mediatório de uma Intervenção Discursiva — Currículo sem Fronteiras, 2020 — curriculosemfronteiras.org

[11] RONCO, Giuliano. *Abordagem Triangular do ensino da linguagem audiovisual*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, ECA/USP, 2018. SILVA. Mauricio Virgulino. *Cartas a Teodora:* confluências entre a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais e a Educomunicação para uma arteducomunicação decolonial. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Tese de Doutorado, ECA-USP, 2021.

[12] Havia em 1989 na Secretaria municipal de Educação de São Paulo 703 escolas públicas, muitas delas em condições bastante precárias, uma educação municipal de pouca qualidade, servindo a 720.000 alunos distribuídos, por partes iguais, entre Educação infantil (4-6 anos) e educação fundamental (7-14 anos). No total, 39.614 funcionários da educação municipal (professores, administradores e pessoal de apoio), que representa 30% do total de servidores públicos da cidade de São Paulo, constituem um desafio à imaginação administrativa e pedagógica (Freire, 2001, p. 14).

[13] LIMA, Sidiney Peterson de*. Escolinha de Arte de São Paulo:* instantes de uma história*.* São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2014. Mestrado em Artes, Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2014.

[14] Nora Merlin, intelectual argentina desde sua primeira palestra em abril de 2019 no Congresso Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: colonialismo e questões de gênero, por mim organizado com a ajuda de representantes de todo o país, vem sendo muito lida e citada pelos arte/educadores decolonialistas no Brasil (ver Revista GEARTE).

[15] Critico o DBAE por ser disciplinar no livro *A imagem no ensino da Arte* (São Paulo: Editora Perspectiva, 1991) no qual lanço a Abordagem Triangular depois de quase 10 anos de pesquisas em locais diferentes. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por Analice Dutra Pillar e Denise Alcade com alunos de Escolas Públicas e Privada, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo como mediação cultural e na Secretaria de

Educação do Município de São Paulo no período que Paulo Freire foi Secretário de Educação continuando com Mario Sergio Cortella.

[16] Em um Congresso em Sevilha, Juan Carlos Araño aventou a possibilidade de eu ter sido influenciada pelo *Critical Studies* de David Thristlewood, com o qual concordo, pois David esteve duas vezes no Brasil a meu convite eu era frequente participante de seus eventos profissionais.

[17] Carta de Victor Adamets Chief. Studies Unit do BIE Génevè, 21 de Abril de 1992.

[18] No Brasil não usamos a expressão Educação Artística por ter sido a nomenclatura usada pela Ditadura Militar mas as designações Arte/Educação; Arte- Educação ou simplesmente Arte Educação.

[19] Esquema do desenvolvimento da leitura de imagens, resultado de interpretação de Parsons, Housen e Piaget: 1º Percepção narrativa; 2º Percepção de estrutura; 3º Percepção de expressão; 4º Percepção analítica e/ou judicativa. 1ª Fase: Intra objetal (sensório-motor) – psicogenética (ação do sujeito, imaginário); 2ª Fase: Inter objetal (operatório concreto) — formação do objeto, classificação, interrelação; 3ª Fase: Trans objetal (operatório formal) — pensa além da ação e além dos objetos (juízo, proposição).

Referências

ADAMETS, Victor de. *Carta de resposta ao texto enviado por Ana Mae Barbosa*. Destinatário: Ana Mae Barbosa, 21 abr. 1992.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. *A Abordagem Triangular no ensino das artes como teoria e a pesquisa como experiência criadora*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2014. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UFPE, Pernambuco, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. *American influences on art education in Brazil*: analyses of two moments: Walter Smith and John Dewey. Boston: Boston University, 1977. Tese de Doutorado. Boston University – School of Humanistic Education, 1977.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019, 9ª ed.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti*. A lógica indisciplinada das imagens em correspondências temporais*. In: III Encontro Anual da AIM, 2014, Coimbra. Atas do III Encontro Anual da AIM. Coimbra: AIM, 2013. p. 1-6.

FLEMMING, Alex. *Obra pública na Estação Sumaré de Metrô*. São Paulo, 1998.

FONSECA, Annelise Nani. Abordagem Triangular e processo criador. *Revista GEARTE*, Porto Alegre v. 9, jan./dez, 2022.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade.* 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HOUSEN, Abigail. *The eye of the beholder:* measuring aesthetic development. Harvard Graduate School of Education, 1983.

LANDOWSKI, Eric. *Com Greimas*: interações semióticas. São Paulo: Estações das Letras e Cores, 2017.

LAMPERT, Jociele; WOSNIAK, Fabio. Dewey: educação, artes visuais e experiência. *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 7 n. 2, 2021.

LIMA, Sidiney Peterson de*. Escolinha de Arte de São Paulo:* instantes de uma história*.* São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2014. Mestrado em Artes, Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2014.

MEDEIROS, Afonso; Ana, Paulo e John: apontamentos para uma filosofia multiplanar da arte através da educação. In: PETERSON. Sidiney; MIDORI, Amanda. (Org.) *O ensino artístico que temos e o que queremos:* posturas, histórias e experiências no Brasil e em Portugal. Porto: i2ADS, 2021, p. 143-155.

OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.*). Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (Org.). *Linguagens na comunicação:* desenvolvimentos de semiótica sincrétic*a.* São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

OLIVEIRA, Luciana Davi (Luciana Fisher). *Abordagem Triangular e metáforas:* epistemologia e cognição. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020. Tese de Doutorado. CAP – USP, São Paulo, 2020.

PARSONS, Michael. Compreender a *arte*. Lisboa: *Editorial Presença*, 1992.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. *Imagem também se lê*. São Paulo: Edições Rosari, 2005.

RIZZI, Maria Christina; SILVA. Mauricio Virgulina. Um manifesto sobre a arte/educação que queremos considerando a Abordagem Triangular do ensino das artes e das culturas visuais e a educomunicação como proposta decolonial*.* In: PETERSON. Sidiney; MIDORI, Amanda (Org.). O ensino artístico que temos e o que queremos: *posturas, histórias e experiências no Brasil e em Portugal*. Porto: i2ADS, 2021, p. 69-77.

RONCO, Giuliano. *Abordagem Triangular do ensino da linguagem audiovisual*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, ECA/USP, 2018.

SILVA. Mauricio Virgulino. *Cartas a Teodora:* confluências entre a Abordagem Triangular do ensino das artes e culturas visuais e a educomunicação para uma arteducomunicação decolonial. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. Tese de Doutorado, ECA-USP, 2021.

SOUZA, José Luiz de. Arte e pandemia. *O vale*, São Paulo, 08 mai. 2020.

URBANO, Clarissa Souza Palomequé. *Ecologia:* Arte e Design. Morumbi: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Design, Arte e Tecnologia - Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

Ana Mae Barbosa

Professora Emérita da Universidade de São Paulo USP, onde lecionou nos programas de Graduação e Pós-Graduação em Arte/Educação por 47 anos. Atualmente ensina Educação em Arte e Design no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Ensinou nas Universidades de Yale, The Ohio State University e Universidad de Granada. Publicou 23 livros. Ganhou os Prêmios Edwin Zigfield (USA); Sir Herbert Read (InSEA); Itaú Cultural 30 anos (2017); Comenda Nacional da Ordem Cientifica (Ministério da Ciência e Tecnologia), Comenda da Ordem Cultural (Ministério da Cultura), entre outros. Professora Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Pernambuco.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4966-2043

E-mail: anamaebarbosa@gmail.com

Currículo: http://lattes.cnpq.br/1650414096296319

Recebido em 7 de junho de 2022
Aceito em 30 de agosto de 2022